

GRUPOS DE TEATRO,
DRAMATURGOS E
ESPAÇO CÊNICO
cenas fora da ordem

Kátia Rodrigues Paranhos
(organizadora)

GRUPOS DE TEATRO,
DRAMATURGOS E
ESPAÇO CÊNICO
cenas fora da ordem



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Grupos de teatro, dramaturgo e espaço cênico : cenas fora da ordem / Kátia Rodrigues Paranhos, (organizadora) . – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2012.

Apoio : Fapemig

Vários autores.

ISBN 978-85-7591-252-2

1. Artes cênicas 2. Dramaturgia 3. Dramaturgos 4. Teatro 5. Teatro – Brasil – História 6. Teatro - História e crítica I. Paranhos, Kátia Rodrigues.

12-14578

CDD-792

Índices para catálogo sistemático:

projeto gráfico e capa: Vande Rotta Gomide

Imagem: O jardim. Foto realizada por Gilson Motta
a partir do vídeo do espetáculo.

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© **MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.**

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514

13070-116 – Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª EDIÇÃO

DEZEMBRO / 2012

*Conforme as novas normas da ortografia do
Decreto Legislativo nº 54 de 18 de abril de 1995.*

— IMPRESSÃO DIGITAL —

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Sumário

Apresentação: “Alguma coisa está fora da ordem” 7

O teatro sob os olhares da crítica: arte e civilização no
Rio de Janeiro em meados do século XIX 11
Débora El Jaick Andrade

A dramaturgia paulistana e a Companhia Sebastião Arruda
(1916-1928) 43
Elizabeth Azevedo

Uma leitura da textualidade e da teatralidade
na escrita revisteira 61
Vera Regina Martins Collaço

Para juntar os pedasos do Qorpo Santo. 77
João André Brito Garboggini

Comédia e tragédia no teatro moderno: Anton Tchekhov
(1860-1904) e Jorge Andrade (1922-1984) 97
Larissa de Oliveira Neves

Pela <i>escada</i> de Jorge Andrade: o nascimento de uma trajetória entre a memória e a história	117
<i>Berilo Luigi Deiró Nosella</i>	
 O <i>último carro</i> : uma viagem de trem com João das Neves	135
<i>Kátia Rodrigues Paranhos</i>	
 Um olhar para a cena simultânea no teatro brasileiro moderno e contemporâneo	153
<i>Gilson Motta</i>	
 Teatro de fronteiras: espaço de fuga e pertencimento.	181
<i>Maria do P. Socorro Calixto Marques e Dione Pizarro</i>	
 O teatro historiando as ruas: “Serra-Serra Serrador”	199
<i>Narciso Telles</i>	

Apresentação

“Alguma coisa está fora da ordem”¹

Os textos reunidos neste livro têm origens diversas que, entretanto, relacionam-se diretamente: são resultado, por um lado, dos Encontros Regionais de História da Associação Nacional de História – Seção São Paulo (Anpuh-SP) e dos Simpósios Nacionais de História – realizados desde 2007 – e, por outro, da criação, em 2009, do grupo História & Teatro, registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) como Diretório de Pesquisa – o que possibilita reunir maior número de pessoas interessadas em se integrar a essas discussões.

Seu objetivo não é outro senão oferecer ao leitor um quadro inicial das diferentes categorias de discursos e de práticas teatrais, indo além das formas hegemônicas existentes. Nesse sentido, volta o olhar para discursos e práticas teatrais não iluminadas pela crítica, para discursos e práticas teatrais deslocadas ou subjugadas

Se é verdade que a obra deve ser analisada em suas articulações internas, não é menos verdade que, ao apreciá-la isoladamente, perdemos outros sentidos que ela possa ter e nos privamos da possibilidade de pensar até que ponto estaríamos apenas repetindo interpretações consagradas.

1. Título tomado emprestado de Veloso 1991.

Nessa perspectiva, torna-se necessário considerar os múltiplos processos de produção social de significados. Como lembra Tânia Brandão (2010, pp. 338-339):

O que se encontra na prateleira ao dispor do interessado são colchas de retalhos e fragmentos, recortes localizados [...]. A respeito de diversas regiões do Brasil, conhecemos muito pouco de sua história teatral; são mínimas as informações disponíveis sobre a história do circo, um capítulo decisivo para o conhecimento do teatro praticado no interior. A própria história de inúmeras companhias de atores, pequenas, efêmeras, permanece sem ser escrita. [...] Assim, a História do Teatro Brasileiro é sempre um desafio proposto às sucessivas gerações de estudiosos. Ou seja, a História do Teatro Brasileiro permanece por ser escrita, não foi escrita ainda.

Diante disso é possível perceber que os objetos teatrais podem ser utilizados como documentos nas pesquisas, ajudando a compreender e a refletir sobre os sentidos do real em determinado período. Nessa medida, devemos sempre nos perguntar quando o texto foi escrito, ou seja, qual o quadro histórico-cultural em que se insere.² Martha Ribeiro (2006, p. 29) acentua:

Mesmo entendendo que um texto teatral possa (e deva) sugerir uma série de interpretações, isso não quer dizer que este texto possa permitir uma leitura qualquer, definida por desejos individuais exteriores ao próprio texto. [...] A qual tipo de leitor o texto se dirige? O que o texto pede ao leitor? Que tipo de cooperação o texto espera de seus leitores? Se todo texto se dirige a um leitor-modelo, deveríamos sempre nos perguntar no ato de leitura: qual tipo de leitor o texto quer que eu seja? Quais são os procedimentos e as estratégias utilizadas pelo texto para guiar este leitor fictício?

O teatro funciona como um ato comunicativo, utiliza códigos – verbais, gestuais, visuais, auditivos, culturais, estéticos – que possibilitam a percepção visual do mundo e a construção de um imaginário social, pois

2. Para o crítico inglês Eric Bentley, o teatro político se refere tanto ao texto teatral como a quando, onde e como ele é representado. Ver Bentley 1969.

comunicam uma mensagem a seus receptores. Assim, pode-se entender o teatro como um espaço privilegiado para captar, em diferentes momentos históricos, as articulações e as negociações de ideias e imagens. O teatro, portanto, caracteriza-se como um espaço plural de signos, apontando para a multiplicidade das tramas e das narrativas sociais.

Consideramos o fenômeno teatral em toda a sua amplitude, procurando convergir a teoria e o fazer teatral – o olhar dos críticos, as experiências das companhias e o processo de criação em si, a relação dramaturgos e dramaturgia, teatros, espaço físico/cênico, onde as obras são apresentadas, os novos textos cênicos –, não esquecendo as várias escolas de pensamento que fundamentam as diversas vivências teatrais. Significa, portanto, eleger também outros textos – não apenas os fundadores, legitimados dentro de uma tradição cultural – e ainda tentar compreender como se deu o silenciamento dos textos não coincidentes ou não aceitáveis por essa tradição.

Denis Guénoun (2003) destaca o caráter multifacetado do teatro em suas articulações e possibilidades, levando em conta, para uma análise mais aprofundada, tanto o público como a arquitetura teatral, o autor e o ator. Da mesma forma, Roger Chartier (2002) evidencia outro aspecto extremamente importante: a “negociação” entre o teatro e o mundo social, ou seja, a “materialidade do texto” deve ser entendida como uma operação que inclui a produção do próprio texto (o discurso, a época), o lugar de produção e sua transmissão.

As investigações sobre objetos artísticos e as mais diversas representações podem ainda ser justificadas e compreendidas quando se observa, nas últimas décadas, um crescente interesse pelas temáticas culturais. É fazendo eco a essa produção que se está pensando o interdisciplinar, refletindo a inserção dos novos objetos e também a ampliação dos campos da cultura e das representações.

Esta iniciativa editorial deve muito à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), à Fundação de Apoio Universitário da Universidade Federal de Uberlândia (FAU/UFU), em especial nas figuras de Cibele Januário Faria, Ana Luiza Dornelas Mota e Silva e Rafael Visibelli Justino e à Editora Mercado de Letras, na figura de sua diretora Maria Elisa Meirelles.

Por fim, vale recordar o comentário de José Miguel Wisnik sobre “Fora da ordem”, de Caetano Veloso: “ele ultrapassa o limite que obriga uma canção a trazer uma porta fechada. Ele deixa a letra fluir, seguir seu curso” (Wisnik 1992). Que venham, então, os grupos de teatro, os dramaturgos e os espectadores a participar dessa viagem sem fronteiras.

Kátia Rodrigues Paranhos

Bibliografia

- BENTLEY, Eric (1969). *O teatro engajado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- BRANDÃO, Tânia (2010). “As lacunas e as séries: padrões de historiografia nas ‘histórias do teatro no Brasil’”, *in*: MOSTAÇO, Edélcio (org.) *Para uma história cultural do teatro*. Florianópolis/Jaraguá do Sul: Design Editora.
- CHARTIER, Roger (2002). *Do palco à página*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- GUÉNOUN, Denis (2003). *A exibição das palavras: uma ideia (política do teatro)*. Rio de Janeiro: Teatro do Pequeno Gesto.
- RIBEIRO, Martha (2006). “Algumas considerações sobre a arte de ‘interpretar’ um texto teatral”, *in*: CARREIRA, André *et al.* (org.) *Metodologias de pesquisa em artes cênicas*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- WISNIK, José Miguel (1992). *Revista do CD*. Disponível em http://www.caetanoveloso.com.br/sec_discogra_textos.php?language=pt_BR&id=27. Acesso em: 10/05/2012.

CD

- VELOSO, Caetano (1991). “Fora da ordem.” *Circuladô*. Rio de Janeiro: Polygram.